

O TRABALHADOR

SEMANÁRIO DO POVO

O ENTENDIMENTO EUROPEU

A situação internacional mantém-se grave. Diremos até, com os homens mais responsáveis da Europa, que ela se vem agravando de cada vez mais, e que chegou a um ponto inquietante e profundamente trágico.

A Europa está reduzida a 16 países, reunidos agora em Paris, para se darem as mãos num esforço comum de se salvarem todos juntos, a fim de não perecerem separados. O exagerado nacionalismo, isto é, o egoísmo nacional que tantos males tem causado à Europa, será definitivamente vencido na Conferência de Paris, abrindo as portas a um entendimento internacional mais fecundo e muito mais cristão, e fechando-as energicamente ao domínio asiático sobre a Europa?

Temos esperança de que sim. O que não conseguiu realizar a sã razão, vai fazê-lo agora a ameaça comum, que nunca teria existido se a razão tivesse sido ouvida.

Mas os homens são assim, eternas grandes crianças, enfiados no seu orgulho, cada qual com a insensata pretensão de ter «criado» uma doutrina sua — que há-de ser sempre diferente da doutrina claríssima do Evangelho, porque, se fosse igual, já não era a deles. Eternas crianças, eternamente orgulhosos, não compreenderam a solidariedade fundamental de todo o género humano que uma vez admitida, conduz directamente ao que agora se tenta realizar à pressa, só com 16 Nações, porque é tarde demais para que as outras tenham podido vir!

A Europa esfacelou-se. E agora, rota e faminta como o filho pródigo, para não perecer de miséria e de fome, delibera regressar à «casa paterna» dos princípios cristãos.

A fome, a miséria, os sofrimentos que a espreitam compeliram-na a abandonar os caminhos do orgulho, e a humildemente confessar o seu erro.

Poderá ainda ir a tempo de se salvar. Mas todos entendem, com ela mesma à frente, que, de per si só, nada poderá fazer. Oh! quão diferente que ela está esta Europa dos nacionalismos orgulhosos, anti-cristãos!

Que a Conferência de Pa-

(Continua na 5.ª página)

A INDÚSTRIA METALÚRGICA ESCLARECENDO OS DE BOA FÉ

CONDIÇÃO DE PROSPERIDADE ECONÓMICA

Se se quer elevar o nível de vida dum povo, num país em que aumenta a densidade demográfica, ao mesmo tempo que se arroteiam os últimos baldios, isto é, se se quer melhorar as condições de vida dum população que aumenta quando a terra, explorada por processos em muitos casos antiquados, já não pode dar mais, será necessário voltar todas as atenções para a indústria e, em primeiro lugar, para a indústria metalúrgica.

Qualquer país densamente povoado que queira tornar-se ou continuar a ser poderoso, próspero ou simplesmente independente, terá de criar ou desenvolver a sua metalurgia. Esta, com efeito, tornou-se o mais seguro e verdadeiro índice do valor de cada país.

Os diversos elementos que podem servir de critério para se avaliar o poder dum nação: — superfície, população, valor individual dos habitantes, fertilidade da terra, clima, riqueza do subsolo —, combinados entre si, dariam normalmente um índice que seria aproximadamente igual ao número em que se exprime a sua produção metalúrgica.

Este número não nos dá sempre uma noção exacta da extensão territorial, mas dá-nos de facto uma ideia muito aproximada do valor relativo dessa extensão. Representa, com efeito, se se verificarem outras condições necessárias, a média do valor da extensão somada com a riqueza do subsolo.

A Bélgica, sendo um país pouco extenso, é o 7.º produtor mundial de aço, devido à grande riqueza do subsolo.

Se com uma riqueza mineral semelhante, tivesse uma extensão maior, teria um lugar mais importante ainda, entre as grandes potências industriais.

Por outro lado, o valor do subsolo depende não somente da quantidade de minério existente nos seus jazigos e dos combustíveis de que se dispõe, mas igualmente das facilidades de exploração. O clima influencia a produção, porque só sendo ele benigno crescerão os grandes aglomerados populacionais capazes de fornecer a mão-de-obra necessária.

A produção efectiva da indústria metalúrgica, ou, por outros termos, a vantagem maior ou menor que a população colhe dos meios postos à sua disposição pela natureza, depende ainda das qualidades técnicas, dos conhecimentos adquiridos, do grau de progresso da indústria, numa palavra, da população em geral.

Por fim, a existência dum metalurgia progressiva, exprime de certo modo e condiciona o rendimento agrícola do solo. Dela dependem diversas indústrias químicas, nomeadamente de adubos fertilizantes e a produção de maquinaria agrícola essencial para o aproveitamento total e económico dos campos. Máquinas, e máquinas baratas, são a coisa mais necessária para se obter uma produção agrícola mais abundante e mais económica.

Desta forma se verifica que todos os factores acima citados como sinais do valor dum nação se encontram intimamente ligados com esta indústria, base de todas as outras indústrias e de todo o progresso económico.

O lugar de predomínio ocupado no mundo económico e político pelos Estados Unidos da América provém essencialmente deste país produzir quase tanto ferro e aço como todo o resto do mundo, e a principal causa da derrota da Alemanha foi não conseguir esta em 7 anos produzir a quantidade de aço que a grande potência americana fabrica em alguns meses.

É grande a nossa satisfação quando nos garantem que, após algumas instalações de certo vulto cuja montagem está em curso, veremos, finalmente, construir-se no nosso país os primeiros altos fornos.

Importa, porém, que essa obra que se anuncia, seja realizada no mais curto prazo, porque de contrário esgotar-se-ão antes do tempo o melhor das reservas que ainda existem.

Nos jazigos de Moncorvo o minério de ferro de rico teor espera que o retirem das entranhas da terra e o transformem pela energia arrancada às águas do Douro, para modificar completamente a vida do povo portugueses.

OS PROBLEMAS DA APRENDIZAGEM

© Todos os direitos reservados (I)

Está na ordem do dia o problema da aprendizagem. É ele ate um dos mais graves problemas morais e económicos dos nossos tempos, porque da sua boa ou má solução — ou não solução — depende o futuro moral e económico das gerações trabalhadoras e da própria Nação.

Vale bem a pena — e é mesmo um dever colectivo — colaborarmos todos na solução da aprendizagem, razão pela qual, muito útil se torna proceder aos estudos que sirvam para lhe encontrar a boa solução.

Desde quando a aprendizagem preocupou a opinião pública? Podemos dizê-lo que desde sempre, desde que foi inventada pelos homens a primeira

«O TRABALHADOR» E «A NAÇÃO»

Desde o início do nosso jornal como semanário, tem publicado «A Nação» uma série de ataques caluniosos e de difamações contra «O Trabalhador».

Nunca lhe respondemos, porque não aceitamos combate em terreno tão impróprio da honestidade jornalística.

Como, porém, a série de insultos e de mentiras continua, vamos entregar a defesa da nossa dignidade aos Tribunais portugueses.

Consta-nos que o nosso colaborador e amigo, Dr. Abel Varzim, que tem sido enxovalhado pelo mesmo semanário, já entregou também a um advogado o encargo de mover um processo-crime por difamação contra «A Nação».

Tem sido feito repetidas vezes ao nosso jornal o reparo de só se preocupar com os operários manuais que, afinal, estão hoje melhor do que os empregados de escritório e caixeiros, e de insistir na questão operária, quando, afinal, as classes médias é que precisam de maior apoio.

A este reparo queremos dizer o seguinte:

1.º «O Trabalhador» como o nome indica, não se dirige à classe média, mas à operária. Estamos perfeitamente de acordo em aceitar que aquela se encontra em situação pouco invejável. No entanto, não podemos tratar de tudo. Cada classe tem hoje os seus problemas, muitos deles de grande envergadura, que só podem resolver-se pela associação dos elementos que a compõem, pertencendo ao Estado orientar e estabelecer o equilíbrio entre as aspirações das várias classes em ordem ao bem comum.

2.º Entendemos por operários todos aqueles que se acham ligados a uma entidade patronal por um contrato de trabalho. Os empregados de escritó-

rio, caixeiros, etc., são, na nossa maneira de conceber os problemas sociais, elementos da classe operária.

Há engenheiros e técnicos de categoria igualmente ligados a entidades patronais por contratos de trabalho. A posição destes em relação à empresa é perfeitamente idêntica à dos operários e empregados. Querendo uma progressiva reforma da posição do trabalho perante as empresas, também nos interessa a posição destes técnicos, assalariados como os outros.

Quando falamos, portanto, em operários, na nossa mente englobamos a todos. Pode ser um conceito pouco aceite ainda, este que defendemos. No entanto, uns e outros aspiram às mesmas reformas de estrutura económico-social para ocuparem o lugar que lhes pertence na economia (isto, repetimo-lo, não é marxismo, mas enciclicas sociais que estão por aí à venda para quem quiser ter a honestidade de chamar as coisas pelos seus nomes).

3.º Se não temos falado tanto dos empregados de escritório, é porque quase nem temos falado de nada. Iremos, contudo, fazendo esforços por que os trabalhadores intelectuais sintam que não somos nem temos que ser exclusivistas.

4.º Não se devem confundir operários e operários. Pelo contacto que temos com as realidades, parece-nos poder afirmar que uma grande parte — senão a maior parte — dos operários não está tão bem como se diz.

Há bons salários, mas também há maus salários. Dizer, portanto, que a classe média está pior do que a operária é só meia verdade.

Muito desejaríamos que as Caixas de Previdência publicassem dados que só elas possuem, a fim de não andarmos a fazer afirmações gratuitas.

Com efeito, as Caixas de Previdência poderiam prestar aos estudiosos este excelente serviço, tornando públicas as estatísticas que podem elaborar com as folhas de férias que lhes são entregues. Todos assim poderíamos falar com mais conhecimento de causa. Porque isto de lançar afirmações para o ar, sem nenhum dado que as possa garantir, pode ser cómodo, mas não é sério.

Nós somos os primeiros a lamentar esta falta de elementos de estudo, que também a nós nos força a falar baseados apenas em inquéritos limitados que, por mais bem feitos que tenham sido, pecam sempre por demasiado limitados.

SEGUROS SOCIAIS e medicina do trabalho

Sob este tema e perante uma notável e escolhida assistência, realizou, há dias, no Porto, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, uma interessante conferência, o sr. dr. Luis Guerreiro.

O tema foi brilhantemente desenvolvido, começando o orador por dar a definição de Previdência e fazer o seu elogio. O Seguro Social é um acto de Previdência que garante um bem social. Para o trabalhador, o seguro social deve garantir-lhe o trabalho e a saúde, devendo por isso ser efectuado contra os riscos do desemprego, doença, maternidade, inabilidade e velhice. A reunião de todos estes seguros num só que garanta o salário do trabalhador, chama-se seguro social total, defendido por muitos, embora atacado por outros.

Depois de expor com clareza o que se entende e deve entender por seguro social, definiu o que era a medicina do trabalho e a sua necessidade como técnica dominante dos seguros sociais.

Veremos isso a seguir.

(Continua na 4.ª página)

ESTE JORNAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO NA GRÁFICA BOA NOVA, LDA. LISBOA

DO PAÍS

Os governadores civis de Évora e Portalegre conferenciaram com o sr. Ministro da Economia sobre a próxima campanha lanar.

— Informou-se que os Hospitais Civis de Lisboa têm a estroptomínia necessária para o tratamento dos seus doentes a quem aquele medicamento está clinicamente indicado.

— Foi aprovado o estudo sobre o abastecimento de águas a Vila Real de Santo António, cujo orçamento está calculado em dois mil setecentos e trinta e nove contos.

— Na conferência de há dias do sr. Ministro da Economia com os representantes da Imprensa diária, foi anunciado que, a partir do dia 1 de Abril, se livre a venda do azeite ao público, e que por motivo do seu custo, na origem, ter aumentado, subirá o preço da gasolina.

No decorrer da mesma reunião o sub-secretário de Estado do Comércio e Indústria, a propósito de uma grande exposição de casacos de peles de casas estrangeiras avaliados em cem contos cada, disse que a venda de tais casacos não será permitida.

— Admite-se a hipótese de ser autorizada a importação de tecidos, libertando-se de todos os impostos alfandegários, devido à resistência de muitos industriais de lanifícios que pretendem enriquecer rapidamente.

— Foram concedidos à Câmara Municipal da Covilhã quinhentos e quarenta contos para ampliação do agrupamento de casas económicas.

— Portugal não recusa, no segundo trimestre deste ano, duzentas e onze mil e cem toneladas de carvão, segundo anuncia a Comissão Económica da Europa, reunida em Genebra.

— Está já no Tejo o navio-motor «Ganda» construído na Escócia por encomenda da Companhia Colonial de Navegação. Trata-se de um carqueiro com 134 metros de comprimento, e que trouxe para Lisboa um grande carregamento de carvão e seis autocarros para a «Carris».

— Das nossas escolas de pilotos de aviões de turismo, saíram 66 diplomados em 1947.

— Foi discutido e aprovado na Assembleia Nacional um projecto de lei sobre a revisão dos feriados e o descanso semanal ao domingo.

— Transcrevemos o projecto, tal como foi aprovado.

Art. 1.º — É restabelecido o feriado nacional do dia 8 de Dezembro.

Art. 2.º — O domingo será considerado dia de descanso semanal em todo o País. É da exclusiva competência do Governo autorizar as excepções que não resultarem directamente da lei.

Art. 3.º — O Governo promoverá a revisão dos feriados nacionais e o seu possível ajustamento aos dias santos que a Igreja Católica julgar não dever dispensar e às grandes datas da história nacional.

— Foram lançados à água, na Gafanha, dois barcos da frota baahoeira — o «Condestável» e o «Coimbras», construídos nos estaleiros do Mestre Mónica.

Na mesma ocasião foi inaugurado o novo frigorífico que compreende dois grandes armazéns destinados à recepção, classificação, enfiamento e depósito do bacalhau seco pelos armadores da praça de Aveiro.

— Declarou-se incêndio na fábrica de material de guerra de Braço de Prata; mas devido à rápida intervenção dos bombeiros não se registaram estragos de maior.

— Foi inaugurada na Serra da Estrela a «Pousada de S. Lourenço» a 1.500 metros de altitude, situada no Campo de S. Romão, junto à estrada nacional, entre Manteigas e Gouveia.

DO ESTRANGEIRO

O governo inglês declarou que o nível de vida do povo britânico terá de ser reduzido ainda mais, mesmo que o plano Marshall seja executado rigorosamente.

— O ministro dos Estrangeiros da Suécia afirmou que o seu país não será empurrado para qualquer bloco das grandes potências, não com receio de qualquer dos lados mas pelo intuito de defesa própria.

— O general Clay vai deixar no dia 1 de Julho o cargo de comandante americano na Alemanha.

— Prevê-se que o partido comunista do Chile seja posto fora da lei.

— O delegado checo na O. N. U. pediu um inquérito aos últimos acontecimentos de Praga.

— O partido liberal australiano anunciou que em sua opinião deve ser posto fora da lei o partido comunista, esclarecendo que os acontecimentos recentes revelam que o comunismo constitui um movimento de traição.

— O governo francês vai chamar às fileiras duzentos mil homens da classe de 1948.

— Churchill voltou a defender a causa da União Europeia como uma réplica à dupla ameaça que pesa sobre o continente: a bancarrota e a balcanização.

— A Argentina vai emprestar à Finlândia dezoito milhões de dólares, para serem creditados em fornecimentos de papel para jornais.

— O chefe do governo italiano declarou que o perigo do desastre económico para a Itália passou.

— O procurador encarregado da acusação contra o chefe comunista brasileiro, Luís Carlos Prestes, declarou que vai pedir não só a prisão preventiva, mas também a pena de morte, segundo o prevê a lei sobre a segurança nacional.

— O antigo ministro dos Estrangeiros, norte-americano, Byrnes, declarou acreditar que a Rússia ambiciona o domínio da Grécia, da Turquia, da Itália e da França, e que por tal motivo os Estados Unidos devem informar os soviéticos de que agrão imediatamente se a independência daqueles países for ameaçada por processos coercivos.

— Spaak, presidente do conselho do governo belga, não acredita que esteja iminente uma terceira guerra, e afirmou que o plano Marshall podia salvar a Europa.

— O deputado trabalhista Eric Fletsher, acaba de regressar de Praga e Londres e publicou uma carta no «Times» sobre o que presenciou na República Checa.

— Na inauguração da Conferência dos Dezasseis em Paris, Bevin fez seu discurso inaugural mostrou-se confiado nos bons resultados dos trabalhos.

— Segundo informa o jornal inglês «People» a Rússia dispôs-se a fazer pressão sobre a Noruega para a conclusão de uma aliança militar.

— Benés foi proibido de radiodifundir dois discursos.

— Na inauguração da Conferência dos Dezasseis em Paris, Bevin fez seu discurso inaugural mostrou-se confiado nos bons resultados dos trabalhos.

— O governo inglês resolveu não admitir nos empregos públicos indivíduos filiados nos partidos comunista e fascista.

— O representante do governo de Praga em Ankara (Turquia), Kolarat-Krakowski, que há pouco se demitiu, declarou aos jornalistas que depois da Checoslováquia e da Finlândia o primeiro objectivo da Rússia não é a Itália, mas sim a Turquia. E concluiu: «Colaborar com a Rússia é deixar-se absorver por ela. Mas os turcos parece não terem compreendido ainda o perigo».

— O Senado Americano aprovou a lei de auxílio à Europa, autorizando os Estados Unidos a dispor de cinco mil e trezentos milhões de dólares nos primeiros doze meses.

— Um avião da linha Xangai-Nova Iorque foi de encontro a uma montanha, no Alaska, a 3.300 metros de altitude. Os passageiros em número de 44, eram todos marinheiros americanos, e presume-se que tenham perecido.

— Trinta mil mulheres italianas percorreram as ruas de Roma numa demonstração contra a guerra e conduziam cartazes de: «Abaixo a bomba atômica!» e «Dai-nos a paz!»

— Antes da parada ouviram vários discursos e entre os oradores estava a cientista «Madame» Irene Joliot-Curie, filha dos sábios esposos Curie.

— Uma delegação fez entrega ao presidente De Nicola dum pergaminho assinado por dois milhões de mulheres.

— Segundo informa o jornal inglês «People» a Rússia dispôs-se a fazer pressão sobre a Noruega para a conclusão de uma aliança militar.

— Benés foi proibido de radiodifundir dois discursos.

— Na inauguração da Conferência dos Dezasseis em Paris, Bevin fez seu discurso inaugural mostrou-se confiado nos bons resultados dos trabalhos.

— O governo inglês resolveu não admitir nos empregos públicos indivíduos filiados nos partidos comunista e fascista.



PARA QUE A COMUNIDADE DE BAIRRO SEJA UMA REALIDADE

G. Bardet, cujo artigo acerca da comunidade de bairro temos estado a transcrever neste jornal analisa em seguida como pode o bairro adquirir autonomia jurídica e financeira. Apesar das diferenças entre a legislação francesa e a portuguesa, traduziremos também este passo do seu artigo, tanto mais que o Autor se refere também aos casos americano e inglês.

g) Como dar ao bairro a sua autonomia jurídica e financeira?

O decreto n.º 452.602 de 2 de Novembro de 1945 (ver Journal Officiel — é o Diário do Governo francês — de 2 e 3 de Novembro de 1945) dá à secção de comuna, a autonomia jurídica e financeira.

«Constitui uma secção de comuna qualquer parte de uma comuna que possua a título permanente e exclusivo bens ou direitos distintos dos da comuna. A secção de comuna tem personalidade jurídica», declara o artigo 1.º

Segundo estes textos, o bairro pode ser transformado em secção de comuna e adquirir a sua autonomia jurídica e financeira. Basta uma dádiva (cujo montante pode ser pequeno), uma iniciativa sustentada por 1/3 dos habitantes. Para isso, não há grandes complicações, bastam alguns homens de boa vontade decididos.

Os americanos, que fizeram todo o possível para o renascimento do bairro, no qual vêem com razão o renascimento do sentimento cívico — destruído pelo «envelhecimento prematuro» devido ao desgaste — queixam-se de não terem possibilidade de dar autonomia a esta unidade. Os ingleses podem fa-

zê-lo graças à sua lei sobre o governo local.

São sobretudo os franceses que o podem fazer, se o quiserem.

h) A maioria deve ser merecida

Um dos primeiros problemas do nosso tempo é a passagem dos numerosos grupos sociais à sua maioria, mas esta não pode ser feita do exterior. Fazer divisões administrativas de bairro, edificar aí todos os edifícios indicados no início deste artigo não leva ao verdadeiro renascimento do bairro vivo.

Semeadas instituições estão semi-mortas porque não são suficientemente desejadas, porque não traduzem as necessidades reais da comunidade.

É necessário que toda a realização tenha raízes profundas no esforço próprio dos habitantes que dela se servirão, que seja a incarnação do seu espírito comunitário, verificado por eles próprios. As pessoas não ligam importância senão ao que lhes custa um verdadeiro esforço.

Compreendamos bem que o renascimento do bairro é o predomínio da amizade e da estima sobre os dados puramente económicos. Fazer renascer a vizinhança é criar amigos para as inevitáveis más ocasiões. Assegurar iguais possibilidades para todos é eliminar para o futuro as lutas sociais. Fazer reinar a ordem e a alegria no seu bairro é preparar a paz social, e por consequência a Paz sem adjetivos.

Veremos no próximo número como se põe o problema no caso português.

UMA QUESTÃO CAPITAL O PROBLEMA RURAL (II)

A crise da habitação de que tanto se tem falado ultimamente e para cuja solução vários alvires têm sido propostos toma um carácter de acuidade de muito mais flagrante, se a considerarmos na sua relação estreita com a vida do trabalhador rural. Quer nos parecer que é precisamente na aldeia que essa crise se faz sentir com mais violência. E isto, porque? Exclusivamente pela falta de moradias onde os trabalhadores possam acotear-se? Sim; em parte por essa razão. Mas, sobretudo, pelas condições insuficientíssimas, possivelmente da maioria das habitações do trabalhador do campo. Na verdade, o estudo urgente do quadro da habitação do trabalhador do campo e de uma sua maior ampliação. Também, na aldeia, se impõe a construção de novas moradias, de bairros inteiramente adaptados às necessidades, não só morais e higiénicas, mas também materiais, do trabalhador rural. Mas como este já vai extenso, deixaremos para o próximo artigo as considerações a respeito das novas moradias e bairros rurais aflorarem ao nosso espírito.

V. M.

Há casas sem mais luz do que a que lhe entra pela porta. Há casas sem tecto, cobertas apenas de telha vã. Muitas delas compõem-se exclusivamente de uma, duas três, poucas atingindo um máximo de quatro ou cinco divisões. As que excedem um total de quatro ou cinco talvez possam considerar-se excepção. Ao menos em algumas das regiões do país. A verificação desta realidade permite-nos duas conclusões que nos parecem legítimas e ineluctáveis: — a) o problema da habitação é mais agudo na província do que na capital; — b) a agudez do problema é mais qualitativa do que quantitativa. Quantitativamente, talvez seja mais alívio na cidade. Bem certo é que não podemos esquecer, ao pronunciar-nos por uma maior gravidade do problema da habitação nos pequenos aglomerados populacionais, que nos grandes centros há ainda os chamados bairros de lata; a luz insuficiente dos subterrâneos e a humidade doentia das caves; as moradias também estreitas e restritas a uma ou duas divisões. Sim, tudo isso é mais que certo e pede solução urgente. Mas, na aldeia, o caso não é menos grave. Pode mesmo afirmar-se que há mais mansardas na aldeia do que na cidade. Mansardas onde a vida é difícil e onde o homem não pode realizar o viver integral do lar verdadeiramente humano que um dia para si sonhou e a que tem pleno direito.

A compensação que o trabalhador rural, que se vê forçado a viver nestas circunstâncias, encontra para a sua existência, é o seu contacto directo, de sol a sol, com o ar e com a luz. Esse contacto, porém, não destrói — nem de forma alguma podia aniquilar — a aspiração mais funda e sincera que o trabalhador do campo tem de possuir um lar alegre

e suficiente, onde a alegria dos filhos que Deus lhe manda quando quer e que ele quis sempre aceita de bom grado — se desentranhe em sorrisos angélicos e não em esgares de ironia e cansaço e desgraça.

Impõe-se, por isso, o estudo urgente do quadro da habitação do trabalhador do campo e de uma sua maior ampliação. Também, na aldeia, se impõe a construção de novas moradias, de bairros inteiramente adaptados às necessidades, não só morais e higiénicas, mas também materiais, do trabalhador rural. Mas como este já vai extenso, deixaremos para o próximo artigo as considerações a respeito das novas moradias e bairros rurais aflorarem ao nosso espírito.

V. M.

Há casas sem mais luz do que a que lhe entra pela porta. Há casas sem tecto, cobertas apenas de telha vã. Muitas delas compõem-se exclusivamente de uma, duas três, poucas atingindo um máximo de quatro ou cinco divisões. As que excedem um total de quatro ou cinco talvez possam considerar-se excepção. Ao menos em algumas das regiões do país. A verificação desta realidade permite-nos duas conclusões que nos parecem legítimas e ineluctáveis: — a) o problema da habitação é mais agudo na província do que na capital; — b) a agudez do problema é mais qualitativa do que quantitativa. Quantitativamente, talvez seja mais alívio na cidade. Bem certo é que não podemos esquecer, ao pronunciar-nos por uma maior gravidade do problema da habitação nos pequenos aglomerados populacionais, que nos grandes centros há ainda os chamados bairros de lata; a luz insuficiente dos subterrâneos e a humidade doentia das caves; as moradias também estreitas e restritas a uma ou duas divisões. Sim, tudo isso é mais que certo e pede solução urgente. Mas, na aldeia, o caso não é menos grave. Pode mesmo afirmar-se que há mais mansardas na aldeia do que na cidade. Mansardas onde a vida é difícil e onde o homem não pode realizar o viver integral do lar verdadeiramente humano que um dia para si sonhou e a que tem pleno direito.

A compensação que o trabalhador rural, que se vê forçado a viver nestas circunstâncias, encontra para a sua existência, é o seu contacto directo, de sol a sol, com o ar e com a luz. Esse contacto, porém, não destrói — nem de forma alguma podia aniquilar — a aspiração mais funda e sincera que o trabalhador do campo tem de possuir um lar alegre

CONSULTAS

P. — Os jornais publicam, de vez em quando, notícia de regulamentos de salário para os empregados de escritório. Mas o distrito do Porto, e excepção feita da sua capital, tem sido excluído dessa regulamentação. É certo que algumas entidades patronais se têm adiantado, subindo a remuneração dos seus empregados. Mas aqueles que trabalham em empresas que não pagam senão quando obrigados? Não pode V. informar-me do motivo pelo qual o distrito do Porto tem sido assim abandonado?

R. — Não sei se sei; e, mesmo que o soubesse, não lho podia dizer. Limitamo-nos a estranhar.

O melhor que o consulente tem a fazer é dirigir-se ao Subsecretariado das Corporações. Se lá não o soubere informar, o melhor então é resignar-se à sua ignorância.

P. — Gostava de saber se uma pessoa que paga contribuição industrial, é obrigada a pagar imposto de trabalho à Câmara. É que conheço um caso destes.

R. — Um imposto não tem nada com o outro. O primeiro é pago — digamos assim — pelo trabalho que a pessoa livremente exerce; ao passo que o segundo é devido pelo trabalho que os municípios são obrigados a prestar à Câmara. O pagamento do

primeiro não dispensa, portanto, de pagar o segundo.

P. — Trabalho na construção civil, estou sindicalizado. Mas como trabalho por conta da Câmara e estas não concedem abono de família, não o recebo. Minha esposa é operária na indústria têxtil; terá direito ao abono? Caso tenha, pedirá a V. se me mandava uma norma, para fazer o requerimento. Falei com o sr. Presidente da Câmara; ele disse-me que assinaria o que fosse preciso.

R. — Se é como o consulente indica, sua mulher tem direito ao abono. Deve ela dirigir-se à Caixa de que é sócia, com uma declaração da Câmara, comprovativa de que o consulente trabalha na construção civil por conta do Município. É quanto basta.

P. — Tenho um pequeno estabelecimento, no qual exerce as funções desempenhadas por profissionais, não possuindo, portanto, empregados. A face do decreto-lei 32.674, comecei, a partir de hoje, a descontar para a Caixa S. de P. dos P. do Comércio; terei, porventura, direito ao abono de família e a toda a assistência clínica e farmacêutica que a mesma dá?

R. — Aos benefícios da previdência em suas diversas modalidades, incluindo os de assistência, tem inegável

direito. Quanto ao abono de família, é que não. Embora, para efeitos administrativos, o abono de família e a previdência estejam unidos no mesmo organismo, são, no entanto, institutos diferentes. Pela falta de ter direito a uma, não se tem necessariamente direito a outra.

P. — Sendo operário numa fábrica, e tendo o ano passado, trabalhado alguns domingos, que o patrão me pagou a 100 %, com o desconto de 50 p. c. para o F. N. A. F., e tendo no ano antecedente, tido direito a dias de férias remuneradas, por alguns domingos que trabalhei nessa condição, e dando-se agora o caso de o patrão se negar a dar-me os dias de férias, respeitantes aos domingos do ano passado, de que falo acima, venho pedir-lhe o favor de me elucidar, sobre este assunto, informando-me se tenho ou não direito aos dias, e dizendo-me qual é a lei que trata deste assunto, e onde a posso adquirir.

R. — Reclame no Sindicato, pedindo que convide o patrão a pagar-lhe nos termos legais. Se o Sindicato não fizer nada ou não conseguir que o patrão pague, resta-lhe o recurso ao Tribunal do Trabalho.

Não pode exigir o pagamento em férias, mas pode exigir o salário dos domingos em que trabalhou, acrescido de 50 %.



COISAS DO FUTEBOL

Por ALBERTO VALENTE

RECORDAR É VIVER!...

... E POR ISSO, SE «CONTA A HISTÓRIA» DE TODOS OS DESAFIOS ENTRE A

ESPANHA E PORTUGAL

Amanhã, na capital do país vizinho, no actual Estádio da Castelhana — antigo Campo de Charrutin, que é pertença do Real Madrid, disputa-se pela XX vez um desafio de futebol entre as Seleções Representativas de Portugal e de Espanha.

Votos sinceros, palpites estimulantes, anseios vitoriosos, presentimentos de fortuna, desejos de bons portuqueses — tudo, enfim, o que de melhor albergam os corações dos milhares e milhares de aficionados se encontra há dias (e à hora da saída do nosso jornal... mais do que nunca!) «aos pés dos briosos rapazes que amanhã envergarão a camisola das cinco quilas».

Nada mais resta, neste momento, senão aguardar os acontecimentos — prontos para saudarmos o triunfo... se ele nos sorrir, ou para acertarmos a derrota... se ela nos vier como fruto dum ver ascendência dos nossos adversários.

Despovadamente, confiemos, pois, no futuro próximo... no futuro de amanhã...

...Mas para matar este pouco tempo que falta — e para suavisar: esta impaciência que escaldamos...

...Saudosamente, passemos em revista os dezanevo desafios anteriores, cuja série já longa terá o mérito, pelo menos, de terminar com a nossa primeira vitória oficial sobre os espanhóis — conquistada com grande brilhantismo na tarde memorável de 26 de Janeiro de 1947.

E dizemos primeira vitória oficial, porque duas outras — autênticas, valiosas e insofismáveis! — obtidas em Novembro de 1937 e em Janeiro de 1938, foram «safadas» por «nuestros hermanos» do historial das relações ibéricas!!!

— Habilidades de secretaria, daqueles tempos — felizmente... antigos! — em que a Espanha punha e dispunha a seu belo prazer.

— Mas deixemo-nos de lamúrias, e recordemos a «Série toda», incluindo, portanto, os tais dois encontros não oficiais...

...porque — a César, o que é de César!

Foi a 18 de Dezembro de 1921 que se disputou em Madrid o primeiro Portugal-Espanha.

Árbitro: — o francês Barette. Portugal: — Carlos Guimarães, António Pinho, Jorge Vieira, João Francisco, Vitor Gonçalves, Cândido de Oliveira (capitão), José Maria Gralhosa, António Lopes (4010), Ribeiro dos Reis, Artur Augusto e Alberto Augusto.

Resultado: — perdemos honrosamente por 1-3, contra uma Espanha cheia de prestígio alcançado nos Jogos Olímpicos. O golo português foi obtido por Alberto Augusto, de grande penalidade.

A 17 de Dezembro de 1922, jogou-se pela primeira vez em Lisboa, no Estádio do Lumiar, um desafio Portugal-Espanha — II da série, com uma assistência record para aquela época: — 20.000 pessoas!!!

Árbitro: — o francês Balway. Portugal: — Carlos Guimarães, António Pinho, Jorge Vieira, Fernando de Jesus, Vitor Gonçalves (capitão), Henrique Portela, Torres Pereira, Jaime Gonçalves, João Francisco, Alberto Augusto e Alberto Rio.

Resultado: — perdemos por 1-2, depois de termos estado a ganhar por 1-0... e empatados até sete minutos

do final. O golo de Portugal foi marcado por Jaime Gonçalves.

Em Sevilha, a 16 de Dezembro de 1923, efectuou-se o III encontro. Árbitro: — o belga Paul Putz. Portugal: — Francisco Vieira, António Pinho, Joaquim Ferreira, Fernando de Jesus, Filipe dos Santos, Henrique Portela, Fernando António, Balbino da Silva, Jesus Crespo e Alberto Rio.

Resultado: — perdemos por 0-3.

(Continua na 6.ª página)

UMA MANHÃ NA VENDA DO PINHEIRO

Como sabes, leitor, os internacionais de futebol estão em estágio na Venda do Pinheiro — risonha e pacata povoação que parece ter «nacido» para centro ideal de repouso e preparação dos desportistas portugueses. Em ambiente arejado — em toda a extensão do termo — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

Desde o edifício — materialização dum obra social magnífica das Companhias Reunidas de Gás e Electricidade — até ao próprio pessoal da Colónia — com o já popular «Brigadeiro» Noqueira Leite no comando, passando pela alimentação, cuidada, farta e caseira, e pelas instalações anexas — campos de jogos, «salas» ao ar livre e uma admirável mata — tudo ali se conjuga para propiciar aos atletas um estágio benéfico — exigido pelos cuidados com que deve ser encarada uma representação do País.

De todos os desportos

Registo e perspectivas da semana

Boa viagem e felicidades

Partem segunda-feira para a Suíça os oquistas portugueses que em Montreux vão defender o Título Mundial da modalidade, conquistado, vai fazer um ano, aqui em Lisboa, no Pavilhão dos Desportos.

Sobre eles impende a tremenda tarefa de aguentarem o assalto das outras nações concorrentes.

Trauada pelos portugueses a hegemonia do oquei britânico, afirmada em mais de 20 anos de provas internacionais, todos os outros povos se sentem capazes de ascender à posição cedida o ano passado pelos mestres da modalidade. (Até mesmo os próprios ingleses se julgam habilitados a reconquistar a coroa de louros que durante tanto tempo cingiram com indiscutível mérito).

A «história» conhece-se, dos mais variados sectores da vida: derrubado o gigante, desaparecido o «papão» — todos se aprestam para a corrida ao título, que creem ao seu alcance.

«Dez anos depois» por Manuel Gonçalves

Ainda no último número demos conta da queda do recorde dos 15 quilómetros em estrada, já hoje temos de registar novo capítulo brilhante, desta vez escrito na carreira do benfiquista Manuel Gonçalves.

O popular corredor, segundo na maioria das provas de «crosses» disputadas este ano, mais à vontade e «feito» que qualquer outro para a distância, logrou alcançar bonita vitória nos 30 quilómetros, batendo o recorde do popular Manuel Dias, estabelecido há dez

«PARADOXOS» DE LASTIMAR

Parece que na imprensa estrangeira, há quem agora entretenha seus ócios e cutilidões — que é ainda uma maneira «tolitária» de fazer com que o espírito não se atribua com as perspectivas...

coisas que não são «isto», mas que ainda não conseguimos descobrir.

Aqui à paridade, nós, apesar de tudo e dos riscos de uma má interpretação, continuaremos a criticar, ao menos pondo os factos a nu e em paralelo, para lhes arrancarmos a lição.

Parece, ainda, que das experiências e do inquérito feito, resulta este quase unânime parecer: enquanto ambos os sentimentos, pois que de sentimentos se trata, oscilam e mediam entre as «lágimas e o riso», no «humour», como uma feição mais humana, porque mais vivida, visto tender, permanentemente, para «amenzar» o doloroso e para «spesar» o riso; o «esprit», com uma faceta mais intelectual, sem deixar de ser humana, para procurar o mesmo equilíbrio, no corte irónico dos exageros, irónico e contundente — os mesmos sentimentos têm, antes de mais, e por isso se irmanam, um alto sentido crítico da vida, dos homens, dos acontecimentos.

Como começou na passada segunda-feira a «Conferência dos 16», em Paris. Por iniciativa dos sindicatos americanos vai ser aberto, nos meios trabalhadores internacionais, um debate sobre o auxílio do Plano Marshall.

É claro que qualquer comentário seria uma verdadeira profanação ao puritanismo depurador da advertência russa! Mas, neste conjunto de reuniões importantes, a terem lugar no corrente mês, há mais e melhor.

Entre nós, apartando-nos daquele período brilhantemente aureo de fins do século passado, em que a crítica andava de chapéu alto e luvas, pela elegância, pela honestidade, pelo conhecimento e pelo humorismo, que é como quem diz — perfeita dos pés à cabeça — parece-me a função e missão de criticar não merece o favor de ninguém.

Porque se falou à verdade e ao ato construtivo, mediador e «unificador da crítica»? Porque os tempos vão delicados para o peso e a leveza das palavras? Porque a consciência da crítica, aquela honestidade primordial, que o homem deve a si próprio antes de a dever a quem que seja, anda mais obliterada, ou só deformada? Talvez um pouco por tudo isto e por outras

LUSITANUS

De um operário a outro operário

Muito se tem escrito e há-de escrever sobre cinema, essa arte da imagem que tanto apaxiona as massas e nem sempre infelizmente, é escola de bons ensinamentos morais, como deve ser a verdadeira arte em contacto com o povo.

Na maioria dos casos é motivo de enraquecimento dos bons costumes, e só quem alguma vez observou certos procedimentos de muitos jovens, pode concluir quanto o mau cinema influíu nessas atitudes.

Quis fazer aqui um apontamento sobre cinema, não preocupado em pedir o auxílio das autoridades contra o classificado moralmente inferior. Todos sabemos que existe uma censura nos filmes e nem por isso deixam de existir-se nos ecrãs tantos condenáveis para toda a gente, sob o aspecto moral.

É não haverem nós de lastimar que só ao «humour» britânico ou ao «esprit» francês estejam entregues os correctivos críticos destes «desmandos», ou que, ao menos, não tenhamos para uso próprio, em face de tão desorientantes paradoxos, um pouquinho de sal e pimenta, mas mais pimenta do que sal, para temperarmos aquele «ora bolos» com que, em modo desto sinónimo, queremos findar a crónica de hoje!

há meio termo. Aqui está porque o pai temperado da responsabilidade da nossa honestidade e da família. Esta censura, sim, que seria profícua com vista a defender sagrados direitos.

«Não sabemos para onde caminhamos, de tal maneira a desorientação se manifesta nos espíritos. Condemnam-se certos métodos... e a nossa inconsciência conduz-nos aos mesmos efeitos. Parece que perdemos a direcção sem fronteiras» para nos movermos em zig-zag de ébrios sem personalidade... Temos de acordar e olhar o passado de sonolência oviado, talvez tenhamos, nós pois, sido causa de faltas cometidas pelos que esperavam a nossa orientação segura e não a tiveram. Deixamos, talvez, os que nos estão confiados, tomar contacto com «escolas» contrárias à finalidade da família, de que o cinema é fértil.

«Causa isto tantas vítimas que o quevero lá saber disso» saído da boca de tantos pais é tiro de ríocochete a cair-lhes em cheio no peito. O cinema educa ou perverte. Não poucas, retiraram-se a meio da exibição do filme, ao perceberem o «desvio». São casos raros, infelizmente. A grande maioria não. Todos permanecem sem respeito para com os filhos que têm ao lado a assistir a cenas que não sabemos (podemos admirar a dúvida) se serão capazes de as repetir, à frente deles em suas casas... Isto no que se refere à saúde da alma. Quanto à saúde do corpo, não compreendemos como se troca um passeio ao campo, em tardes de sol e temperatura primaveril, por uma «matinée» em salão fechado, sem ventilação, de atmosfera verdadeiramente insalubre.

SEGUROS SOCIAIS

(Continuação da 1ª página)

Em Portugal ainda não foi reconhecida como uma necessária especialização da medicina — o que em muitos outros países já se faz — a medicina do trabalho. E isto é um mal porque a medicina do trabalho é chamada a

desempenhar uma importantíssima função, sobretudo de profilaxia (prevenção) em todos os ramos dos seguros, desde o acidente de trabalho à própria invalidez, desemprego e velhice.

Provou-o com abundância de argumentos e de exemplos, para depois concluir que, embora os médicos e cirurgiões tenham prestado relevantes e dedicados serviços na Previdência, enquanto não forem especializados na medicina do trabalho, e nos assuntos sociais para se tornarem aptos, nunca poderão passar de serventários desclassificados nos serviços sociais.

O Dr. Luís Guerreiro, escutado sempre com o maior interesse, terminou fazendo votos por que a Ordem dos Médicos venha a enfrentar a questão e a valorizar os serviços médicos de maneira a que ocupem o lugar que lhes pertence e desempenhem a missão que o país lhes destina.

Uma forte salva de palmas coroou o brilhante trabalho do conferente. A Liga Portuguesa de Profilaxia Social prestou assim mais um alto serviço à Nação.

PAULO DA CRUZ

APAZ

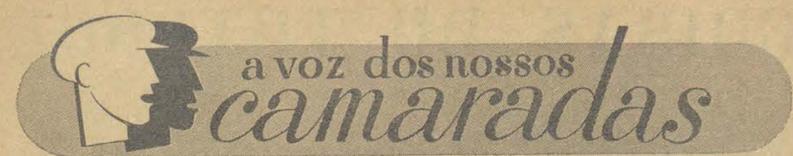
SÓ A PODEM CONSEGUIR OS HOMENS DE BOA VONTADE

Para exemplo do que pode a boa vontade fazer em benefício da paz social, historiemos um pequeno «incidente» havido entre este jornal e a gerência das Fábricas Triunfo, de Coimbra.

No nosso número de 28 de Fevereiro, inserimos uma pequena local em que nos queixávamos da falta de cumprimento do Contrato Colectivo, por parte da referida gerência na secção de Bolachas. Esta nossa local provocou uma carta do Director das referidas Fábricas, carta em que publicámos no nosso número de 6 do corrente, comentando-a elogiosamente, e anunciando que a nossa Delegação de Coimbra se avistaria com a Gerência para lhe expor de viva voz as razões que nos levaram à publicação daquelas queixas.

Ex.º Senhor: Acusamos a recepção do memorandum de V. Ex.º de 4 do corrente, a que respondemos que lhe agradeceremos a atenção que se dignou dispensar a n.º carta e a honra que nos deram publicando-a no seu Jornal.

Deviam aprender neste exemplo de quanto vale e pode a boa vontade todos os industriais, e quantos têm por função realizar a paz social. Infelizmente bem pouco se trabalha por ela, precisamente por faltarem a boa vontade, sem a qual tudo o mais será inútil.



De Vila Franca de Xira, escrevem-nos um operário:

«Faltaria a um dever se esperasse por mais tempo para lhe escrever esta minha carta. Vou ter bastante dificuldade em redigi-la, mas lá vai conforme o meu saber que afinal é muito pouco, mas é o que sinto.

O semanário que V. não bem dirige veio na altura própria para me dar alento para continuar a trilhar a vida dura do operário, pois eu desejava que houvesse alguém que se interessasse por nós operários não especializados. V. que conheço muito bem a vida dos operários talvez não saiba ao certo as dificuldades que nós passamos para trilhar um recto caminho na vida.

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Faltaria a um dever se esperasse por mais tempo para lhe escrever esta minha carta. Vou ter bastante dificuldade em redigi-la, mas lá vai conforme o meu saber que afinal é muito pouco, mas é o que sinto.

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

Table with 2 columns: Duration (3 meses, 6 meses, 1 ano) and Price (125\$00, 255\$00, 505\$00).

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

3 meses . . 125\$00
6 meses . . 255\$00
1 ano 505\$00

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

«Li ainda há pouco no nosso jornal um artigo sobre economia. Contordo, mas, como eu hei-de economizar? Gostaria muito de contar-vos a minha vida e que verificásemos os preços por que estão as coisas aqui em Vila Franca. Isto é que nos faz cara a vida e difícil de levar. Agora só vou tenho a dizer que trabalho sob a alçada do Sindicato dos Vinhos, e que o meu colega de Torres tem muita razão na carta que hoje vi no jornal. Gostaria muito de colaborar com V. mais não tenho vocação para jornalista, pois esta tinha o fim de vos dizer muitas coisas interessantes e acabei por nada dizer. Sem mais, etc... Heitor Ferreira Ricardo

Por ABEL VARZIM

VARIAÇÃO DE PREÇOS

Como vimos no número passado, sempre que existe uma variação na oferta ou na procura normal, esta reflecte-se nos preços, determinando o aparecimento de um preço corrente, superior ou inferior ao preço normal, conforme tiver sido influenciado por uma oferta ou uma procura anormais.

«Como se dará, porém, esta variação de preços e qual a sua intensidade? A primeira coisa a saber é esta de que as variações do preço corrente em volta do preço normal têm maior ou menor intensidade conforme a natureza da mercadoria.

«Examinemos a questão, que vale a pena. Suponhamos uma diminuição da oferta em relação à procura normal. Que vai suceder? Já o sabemos: o preço corrente será então superior ao preço normal. Se a mercadoria for indispensável ao consumo, isto é, um género de 1.ª necessidade como o pão, a batata, etc., a subida de preços será maior do que a diminuição da oferta. Quer dizer, se a produção do género de primeira necessidade, por metade do consumo normal, o preço não irá para o dobro como seria lógico mas para o triplo ou mais ainda, a fim de se eliminarem os consumidores de menor resistência, que abandonarão a procura, logo que seus fracos recursos. Assim, eliminando os consumidores de menor resistência, a produção deficitária bastará para os que possuem meios de resistência financeira.

«Uma outra razão influenciará ainda nesta subida desproporcional de preços: o mercado negro. Desde que a colheita ou a produção se aplainou deficitária, só os produtores de mais fraca resistência financeira, lançarão os seus produtos no mercado. Os outros retiraram-se, à procura de ocasiões mais oportunas de os vender pelo melhor preço (melhor para eles, é claro). Esta atitude fará diminuir mais a oferta e assim influenciará ainda na subida do preço.

«Se, porém, o «deficite» da produção for de um género dispensável ou de luxo, então os preços subirão menos do que faltou na produção. É que então só persistirão em adquirir esse

gênero «dispensável» os mais abastados. A procura descerá nitidamente e compensará assim grande parte do deficit da oferta. Para uma diminuição de oferta de 20% os preços não subirão mais de 20 a 30%. Suponhamos agora que se dá o contrário, isto é, que a oferta excede o consumo normal. Nesta hipótese, o preço corrente descerá abaixo do preço normal. Dependendo ainda da qualidade da mercadoria o quantitativo da queda de preços.

«Se a mercadoria se deteriora facilmente, a batata é muito maior do que o excedente da oferta, porque o produtor prefere vender por qualquer preço a perder totalmente a mercadoria. É o caso do peixe, dos legumes, de certa fruta; etc. Como se não podem conservar, há que oferecê-los por um preço baixo, a ver se se apura alguma coisa. Isto, é claro, em mercado livre. De contrário, se houverem bem organizados, preferirão deixar estragar o excedente da produção. Assim, mantendo a oferta normal, ganharão mais dinheiro do que se vendessem a produção total, porque a baixa tinha sido mais que proporcional ao deficit.

«Se, porém, a mercadoria é de fácil conservação, os produtores armazenarão o excedente ou, pelo menos, parte dele à espera de um maior deficit. Assim os preços baixarão, mas menos que proporcionalmente ao excedente da produção.

«Isto explica-nos certos factos que tantas vezes têm revoltado a nossa sensibilidade, como a queima de café ou de trijo, o envio de peixe para o quanno, que tantas vezes se verificaram noutros tempos.

«E isto explica também a intervenção da opinião pública e dos governos em certas ocasiões, e o desejo de maior intercambio entre as nações, para que se não estrague nimas aquilo que noutras tantas falta faz. O entendimento económico internacional é um grande progresso sobre o tacaño nacionalismo económico, como o levantamento do nível económico do povo é um grande progresso sobre o demasiado contraste do poder de compra entre as classes. Com um poder de compra maior, as classes de preços não seriam tão de temer.

«Em época deficitária e anormal, como esta em que vivemos, pensamos muitos ser um bem o baixo nível do poder de compra que diminui a procura e a mantêm, portanto, menos afastada da oferta. Mas assim ainda mais sobressai o contraste do nível de vida, contraste que não é de molde a realizar a união e paz.

«CARTAS DE INGLATERRA»

COMO FUNCIONAM AS COOPERATIVAS ESCOCESAS

Num simples apontamento, não vamos evidentemente descrever em pormenor o funcionamento desta Organização, mas apenas focar o interesse numa importante percentagem da classe operária pela ideia cooperativista, realizada em moldes embora diferentes do cooperativismo português.

«Na Escócia, a cooperativa é na realidade uma sociedade comercial, regida pela mesmas leis (muito simples, por sinal) a que está sujeito todo o comércio afim.

«Para receber este beneficio, a Cooperativa nascente compromete-se a só se fornecer desse Organismo Central que é, quase se lhe pode chamar, uma federação de todas as cooperativas existentes.

«Todos os edificios são propriedade própria.

«As Cooperativas são abastecidas por um, chamemos-lhe Grémio, que as financia no principio e ampara, em caso de necessidade.

«Para receber este beneficio, a Cooperativa nascente compromete-se a só se fornecer desse Organismo Central que é, quase se lhe pode chamar, uma federação de todas as cooperativas existentes.

«Cada Cooperativa, tem no entanto vida autónoma, independente, governando-se segundo a vontade dos sócios. Estes elegem anualmente em assembleia geral os seus directores, apreciam as contas, e marcam directivas aos futuros empoados.

«Os preços, não são nunca inferiores aos do comércio retalhista. Pelo contrário, os artigos que não são de primeira necessidade (mas são estes), como fiambre, frutas, queijo, algumas conservas e hortaliças (que aqui são quase luxo), etc., são um pouco mais caros (alguns, os de mais luxo, são mesmo muito mais caros).

«Explicam-me (e o pensamento, parece-me, merece estudo no nosso

Findamos hoje a nossa difícil tarefa de apreciar as respostas ao nosso primeiro concurso...

Nessa altura tentaremos um programa de leituras baseado nas respostas a este concurso.

«Vulcão» — O meu amigo tem sorte, pois tem quem lhe ofereça livros. Já o mesmo não sucede connosco...

«Os horrores da Sibéria», «Robinson Crusoe», as «Pupilas do Senhor Ritor» não têm confronto com o Evangelho.

«Carlos de Almeida» — também prefere a Bíblia.

«João Monteiro» — Compraz-se em Hall Caine. Olhe meu amigo: nós em tempos, tivemos de sacrificar alguns livros...

«Mortos» — Escolheu «Jesus Rei de Amor» do Padre Matos.

«Jodis» — Salvou a «Vida de Jesus» de Plínio Salgado, considerando-a a sua melhor obra.

Mas olhe que há livros com o mesmo título que deixam a perder de vista o que preferiu. Os próprios Evangelhos valem todos os comentários...

«Sepos» — Escolheu «A catedral» de Blasco Ibañez. Pode avaliar pelas respostas dos outros o valor da sua e elaborar um programa de leituras para sua ilustração.

«Ant. J. Pereira» — «Ninguém» também preferem a Bíblia.

«Manuel Luso» — A sua resposta é interessante e por isso a publicamos. Santo Inácio de Loyola nos «Exercícios Espirituais» tem uma meditação chamada «ad amorem» sobre o mesmo tema.

Veja-a, que há-de gostar.

O meu livro

«Colocado perante a necessidade de reduzir a cinzas a minha pequena mas bem escolhida biblioteca, com excepção única para um livro, eu não hesitaria em escolher o livro mais belo, mais profundo, mais simples e completo que existe...

«Os 3 Mosqueteiros» — 5 — Deseja ardentemente; olvidel. 6 — Povoação do distrito de Coimbra; contração de pronome pessoal e pronome feminino. 7 — Redenho; Desig egnico do Sol. 8 — Baleia; antiga medida de seis pés. 9 — As pessoas mais distintas. 10 — Violeta. 11 — Terminar.

VERTICAIS — 1 — Enfeitar. 2 — Aplicar os santos óleos a. 3 — Reduzir a gelo. 4 — Povoação próxima do Mondego; lacónico. 5 — Maltrato com pancadas; coisa aprazível, no meio de outras que o não são. 6 — Diz-se de uma grande porção de qualquer coisa; meallhoiro. 7 — Do feitura do ovo; ataca. 8 — Soro; próprio para moer. 9 — Nome masculino. 10 — Monte da Turquia da Europa, ao Sul da península de Salónica. 11 — Asiáticas.

Solução do problema n.º 7

Horizontais: 1 — Sama, Pico. 2 — Odo. Amas. 3 — Lias, Rois. 4 — Armada. 5 — Tamborete. 6 — Bar. Anafar. 7 — Acal, Mina. 8 — Gata. 9 — Orar, Sala. 10 — Adir. 11 — Arar. 3 — Miam, Rata. 4 — Aco. Abalás. 5 — Mondongas. 6 — Parara. 7 — Imos, Fila. 8 — Caiu, Anal. 9 — Oso, Jara.

Palavras Cruzadas

Problema n.º 7

(Enviado por Alex. Ranita)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

3 4 5 6 7 8 9 10 11

4 5 6 7 8 9 10 11

5 6 7 8 9 10 11

6 7 8 9 10 11

7 8 9 10 11

8 9 10 11

9 10 11

10 11

11

12

13

14

COISAS DO FUTEBOL

(Continuação da 3.ª página)

Arbitro: — o francês Vallat. Portugal: — Francisco Vieira, Joaquim Ferreira, Jorge Vieira (capitão), Tamaqueiro, Augusto Silva, César de Matos, Mário de Carvalho, Jaime Gonçalves, João Francisco, José Carlos Delfim (Olhavenses) e Manuel Rodrigues (Carcavelinhos).

Resultado: — perdemos por 0-2, numa partida equilibrada cuja avançada inicial pertenceu aos portugueses que atiraram um formidável remate... ao poste!

O V encontro foi disputado em Madrid a 29 de Maio de 1927, contra a equipa B de Espanha, que no mesmo dia defrontou a Itália em Milão.

Arbitro: — o inglês Crew. Portugal: — António Roquete, António Pinho, Jorge Vieira, Tamaqueiro, Augusto Silva, César de Matos, Liberto dos Santos, Jorge Tavares, João dos Santos, Pepe, e José Manuel Martins.

Resultado: — perdemos por 0-2, sofrendo um golo em cada meio tempo.

Novamente no Estádio do Lumiar, e na tarde de 8 de Janeiro de 1928 (...o ano de Amsterdão) efectuou-se o VI desafio... que foi o primeiro em que não saímos vencedos!!!

Arbitro: — o inglês Peres-Cox. Portugal: — Cipriano Nunes, Carlos Alves, Jorge Vieira, Tamaqueiro, Augusto Silva, César de Matos, Valdemar Mota, João dos Santos, Vitor Silva, Armando Martins e José Manuel.

Resultado: — empatámos a 2-2, com «epoca sorte» e com golos de José Manuel Martins e João dos Santos.

17 de Março de 1929, outra vez em Sevilha, realizou-se o VII encontro numa altura em que a Espanha, em grande «forma», acabava de vencer a Inglaterra!!!

Arbitro: — o belga Langenus. Portugal: — Roquete, Carlos Alves, Martinho de Oliveira, Tamaqueiro, Augusto Silva, Manuel Varela, Valdemar Mota, Jorge Tavares, Vitor Silva, Pepe e Alfredo Ramos.

Resultado: — perdemos por 0-5, (a maior derrota... até então!) com os cinco golos todos sofridos no primeiro tempo!!!

Durante o conflito entre a Federação Portuguesa de Futebol e a Associação de Lisboa, teve lugar no Porto, o VIII encontro peninsular.

Arbitro: — o belga Baert. Portugal: — Artur Augusto, Carlos Alves, Avelino Martins, Raúl Leal, Valdemar Mota, João dos Santos, Artur Sousa, Armando Martins e Francisco Castro.

Resultado: — perdemos por 0-1 golo este sofrido a quando da narração dum «canto».

O IX desafio, na tarde de 2 de Abril de 1933, disputou-se em Vigo, no Estádio de Balaidos, durante as festas da «Semana Portuguesa».

Arbitro: — o belga Langenus. Portugal: — Roquete, Carlos Alves, João Belo, Alvaro Pereira, Augusto Silva, César de Matos, Valdemar Mota, Raúl Silva, Vitor Silva, Artur Sousa (Pinça) e Alfredo Valadas.

Resultado: — perdemos por 0-3, tendo feito, porém, exibição a contrariar a contagem... que foi severa em demasia. João Jurado substituiu Belo, ainda antes do intervalo.

Para disputa da eliminatória do Campeonato do Mundo, realizou-se em Chamartin (!!!) no dia 11 de Março de 1934 o X «match» da série.

Arbitro: — o belga Van Praag. Portugal: — Soares dos Reis, Avelino Martins, João Jurado, João Nova, Augusto Silva, Gaspar Pinto, Adolfo Mourão, Valdemar Mota, Acácio Mesquita, Artur Sousa e Domingos Lopes.

Resultado: — perdemos por 0-9... o grande desastre!!!... Entre os portugueses ninguém se «salvou» — nem os suplentes que também entraram em acção e que foram Augusto Amaro, e Joaquim Serrano.

...Um grande «desastre»!!!

Oito dias depois, no Lumiar, realizou-se a «segunda mão» do mesmo Campeonato do Mundo, com o XI Portugal-Espanha.

Arbitro: — o mesmo belga Van Praag. Portugal: — Augusto Amaro (depois, Dyson), Avelino Martins, João Jurado, Alvaro Pereira, Augusto Silva, Gaspar Pinto, Adolfo Mourão, Valdemar Mota, Vitor Silva, Artur Sousa e Domingos Lopes.

Resultado: — perdemos por 1-2... honrosamente. O grupo português, que

marcou por intermédio de Vitor Silva, fez esquecer a «nuvem» da semana anterior!

Os espanhóis voltaram ao Lumiar no dia 5 de Maio de 1935, para disputarem a XII partida com os lusitanos. Pela segunda vez — não perdemos!

Arbitro: — o francês Conrié. Portugal: — Soares dos Reis, (depois, Dyson), Simões, Gustavo Teixeira, Francisco Albino, Rui Araújo, Carlos Pereira, Adolfo Mourão, Vitor Silva, Soeiro, Artur Sousa e Alfredo Valadas (depois, Carlos Nunes).

Resultado: — empatámos a três bolos, mas, ao intervalo, perdíamos por... 0-3. O jogo foi emocionante, tendo os «nossos» golos sido apontados por Mourão e Pinça (2). Candido de Oliveira estreou-se como «Selecçãoador-único».

A guerra civil arrazava a Espanha quando se efectuou o XIII encontro, em Vigo, no Estádio de Balaidos.

Arbitro: — o italiano Barlassina. Portugal: — João Azevedo, José Simões, Gustavo Teixeira, Mariano Amaro (depois, Albino), Francisco Albino (depois, Carlos Pereira), Carlos Pereira, Adolfo Mourão, Pedro Pireza (depois, Armando Ferreira), Fernando Peiroto, Artur Sousa e João Cruz.

Resultado: — empatámos a duas bolos, numa luta renhida com golos marcados por Carlos Pereira e Peiroto.

O XVI encontro teve lugar em Bilbau, no «charco» de San Mamnés, e foi cheio de dificuldades para os portugueses.

Arbitro: — o alemão Bawens. Portugal: — Azevedo, Cardoso, Vitor Guimarães, Amaro (depois, Manuel Anjos), Aníbal Paciência, Francisco Ferreira, Espírito Santo (depois, Mourão), Armando Ferreira, Soeiro (depois, Espírito Santo), Artur Sousa e João Cruz.

Resultado: — perdemos inglória-mente por 1-5, com Artur Sousa a salvar a honra do convívio!!!...

No Estádio Nacional, do Vale do Jamor, na tarde de 11 de Março de 1945 e perante 55.000 pessoas, efectuou-se o XVII desafio.

Arbitro: — o suíço Scherz. Portugal: — Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Octávio Barros, Francisco Ferreira, Serafim, Espírito Santo, Quaresma, Peyroteo, Cabrita e Rafael.

Resultado: — empatámos a duas bolos, marcadas por Fernando Peyroteo. O público saiu decepcionado porque esperava um triunfo português, Francisco Ferreira foi o herói da tarde, Salvador do Carmo seleccionou o Onze Nacional.

A 6 de Maio de 1945, foi na Corunha que se jogou o XVIII Portugal-Espanha, no qual se estreou como seleccionador o jornalista Tavares da Silva.

Arbitro: — Azevedo, Cardoso, Feliciano, Amaro, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Gomes da Costa, Peiroto, Quaresma e Rafael.

Resultado: — perdemos por 2-4, com dois golos de Peyroteo — mas tendo-se desperdiçado uma grande penaldade, mal chutada por Francisco Ferreira!!!

Na memorável tarde de 26 de Janeiro de 1947, a quando do XIX encontro com os espanhóis, (...mas XVII oficiais), logramos finalmente bater os eternos rivais, no Estádio Nacional, sem dar margem a dúvidas.

Arbitro: — o inglês Wiltshire. Portugal: — Capela, Alvaro Cardoso (capitão), Francisco Ferreira, Mariano Amaro, António Feliciano, Moreira, Jesus Correia, Araújo, Peiroto, José Travassos e Rogério.

Resultado: — ganhámos por 4-1!!! Os espanhóis marcaram logo no primeiro minuto, mas os interiores portugueses Araujo e Travassos bateram depois, sem remissão, o guarda-redes Lezama.

Foi um «delírio de alegria» para os 70.000 espectadores...

...E amanhã? Amanhã, realiza-se o XX prélio entre os dois Países.

...Quem ganhará? ...!!!... Haja calma — e depois de «contada a história» dos desafios anteriores, «cesse tudo quanto a musa antiga canta... que outro poder mais alto se aleve...»

Meus caros leitores, amigos: Durmam bem esta noite... e até amanhã, às 3 da tarde!

ALBERTO VALENTE

Todos se mostram confiados. A vitória? Claro que seria o ótimo. Mas eles, sinceramente, confiam sobretudo no melhor resultado, no brio com que se sentem capazes de bem representar Portugal.

...E que eles confiam — e nós também, em que vitória, quer em Madrid, quer em Montreux, há-de sorrir ao mais forte de ânimo e de Fé.

ALBERTO VALENTE

ARTE DE FAZER CROCHET

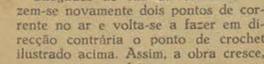
Com um CORDÃO de uns 20 cm. de comprimento pode começar-se obra mais complicada:



A agulha de crochet enfia-se pelo terceiro buraco a contar do fundo... vai-se buscar a linha, puxa-se e ficam duas laçadas na agulha; vai-se buscar novamente a linha e puxa-se através das duas laçadas enfiadas na agulha.



Chegados ao fim da corrente, fazem-se novamente dois pontos de corrente no ar e volta-se a fazer em direcção contrária o ponto de crochet ilustrado acima.



Toda a família pode trabalhar ao mesmo tempo nesta colcha de crochet.



«Seria assim, Leocádia? Seria só por amor deles que o fizeste? Não! tu mesma não querias sofrer mais; achaste que estava cheio o teu cálice e que não podias aceitar mais amarguras! Não! não foi por causa dela, foi por causa de ti, porque não tinhas coragem para mais. Não foi assim, Leocádia? Dize...»

«Não sei, minha senhora. Ouve, Leocádia. Não sabias que é pecado matar um inocentinho (e o que tu fizeste foi matá-lo...); não sabias que Deus castiga um mal tão tamanho?»

«Minha senhora, eu não conheço a Deus. Não conheces, Leocádia? Então foi por isso que fizeste o que fizeste. Porque, ouve se acreditasses em Deus, sabias que Ele te guarda, te ajuda, que nunca te abandona — mas também que te castiga, Deus te perdoo o teu pecado, Leocádia, e te guarde mais aos teus.

«Deus tem poder para tudo, Leocádia. Se te fiassem em Deus, trabalhasse e não lhe negasse nenhum sacrifício, Deus não te faltaria nunca

Tanto que a mamã trabalha! De leve, fresco algodão com sua tesoura talha roupas de v'rao.

A tesoura afiadinha corta que é mesmo um primor a cambraia mais branquinha, seda de cor.

Minha mãe é costureira, na boa tesoura prima. Considera-a companheira de grande estima.

Porto, Fevereiro de 1948.



FOI ASSIM... UMA VEZ

Ai, a Leocádia tinha já três filhos bem cuidados e direitinhos; mas com que sacrifício os tinha assim! E, ao pensar numa nova boquinha que viria tirar o pão aos três que já tanto lhes custava a criar (o marido é moço de praça, ela trabalha a dias quando pode) — a Leocádia fez e uma amarela... Convenceu-se que era por amor dos três que criava que recusava agora a vida ao pequenino entezinho-indifeso que em si abrigava.

«Ai, homem, que te vou deixar e aos meus ricos filhinhos. Eu sei o que sofri sem mãe desde os cinco anos. Eu sei e agora que há-de ser dos meus filhinhos, sem mãe que olhe por eles e lhes dê carinho? Quem lhes dará a educação? Alguém mandaria sem do, como a mim. Ai, meu Deus, salvai-me por amor dos meus filhinhos. Salvai-me, que prometo, nunca mais... nunca mais...»

«Deixa, mulher, o que lá vai. Lá vai. Sempre fui teu amigo. Nunca te pedi o que não devia. Não queria o que tu fizeste. Bem no sabes. Mas isso já passou. Tenhamos coragem. Agora, Deus será a nossa ajuda. O que vier, vem de Deus.»

«Que Deus os guarde, à Leocádia mais ao José.»

«Oh, Leocádia! Oh, mulher! Que julquei que te ías embora...»

«Oh, homem! Oh José! Nunca mais, ouvistes? Nunca mais... Deus castiga. Daqui em diante será o que Deus quiser. O que cheiga para três, com a ajuda de Deus sempre há-de chegar para quatro.»

«Sabes, José, eu já não serei a mesma! Diz o médico que estas coisas deixam sempre rastro. Nunca mais sei a mesma! Deus castigal... Inda tenho de voltar ao tratamento durante um mês. Depois, talvez fique capaz. Mas o rasto cá fica, diz o médico.»

«Deus tem poder para tudo, Leocádia. Se te fiassem em Deus, trabalhasse e não lhe negasse nenhum sacrifício, Deus não te faltaria nunca

Feita a raspagem que se impunha, a infecção não ficou sustida. Por entre

A noitinha, na tesoura, se acaso lhe bate luz, até parece que a doira e mais reluz.

E é logo de manhã, haja tempo frio ou quente, que a tesoura, alegremente, corta cuidadosamente nas mãos da minha mamã.

Porto, Fevereiro de 1948.



PARA AS DONAS DE CASA

1. — Todo o legume, salvo os de sabor intenso, como a cebola e o nabo, devem ser cozidos em panela ou tacho coberto, a não ser que se deseje sobretudo conservar a cor viva (Ver receita 6). Deite evaporar a água de cozer, para que não seja preciso escorrer-la quando o legume está tenro. Não deitará assim o seu valor alimentício assim se perde.

2. — Corte os legumes em cubos grandes de 1 a 2 cm. de largo.

3. — Nunca deixe a hortaliça ou outro legume de molho antes de o cozinhar. Grande parte do valor alimentício se perde assim.

4. — Deite o sal na panela apenas momentos antes de tirar do lume, sobretudo quando acontece ter de escorrer a água de cozer. Grande parte do ferro contido no legume e necessário ao organismo se perde cozendo o alimento em água salgada.

5. — Coza o legume até estar tenro mas bem firme; desperdiça-se o valor alimentício do legume cozendo em excesso.

6. — Para conservar a vivacidade da cor:

a) Legumes de cor branca devem ser cozidos em «água macia» (água pouco calcárea) junta-se à água 1 colher de chá de vinagre para cada 5 litros de água, se ela for muito calcárea.

b) Legumes amarelos não devem ficar molhados demais nem devem ficar queimados por falta de água.

c) Legumes verdes podem ser cozidos com panela destapada (é preferível em água calcárea) e deve ser mexida de tempos a tempos para deixar soltar os ácidos voláteis. Não se deve juntar soda, como tanta gente faz, porque esta destrói as vitaminas e dá ao legume uma textura espaciaçada.

d) Legumes de cor encarnada, devem ser cozinhados em panela coberta e com casca. Se são descaçados, cuide de deixar evaporar toda a água antes de ser a altura de tirar do lume.

O leite facilmente se transforma em portador de microbios, que podem provir de doença da vaca, da sujidade das vasilhas ou do pó do ar.

Todo o leite deve ser fervido antes de ser consumido. Fervendo o leite este sobe à temperatura de 100°.

Mantendo alguns minutos o leite a esta temperatura, os microbios são destruídos, mas são igualmente as vitaminas que dão alto valor nutritivo ao leite cru e perde-se o sabor fresco do mesmo.

O leite pasteurizado é ainda rico em vitaminas, embora não tão rico como o cru.

Pasteurização: O leite, dentro de frascos herméticamente fechados, é elevado num forno à temperatura somente de 90° (temperatura a que os microbios morrem só muito lentamente). Conserva-se assim durante 20 minutos. Em seguida faz-se cair rapidamente a temperatura (para evitar a destruição das vitaminas).

Para limpar os facos Cinza de madeira é um belo limpametal: usa-se uma rolha moçada em água, com que se toca na cinza guardada numa caixa e se «areia» a faca.

Ovos A qualidade dos ovos é assunto da maior importância, não só pelo seu grande consumo, como pelos perigos que podem causar os ovos em mau estado.

Um bom ovo é pesado e parece cheio quando se agita; mergulhado numa solução de 100 gr. de sal num litro de água, vai ao fundo; se tem mais de cinco dias, flutua; se estiver deteriorado, flutua francamente. (Mas, se os ovos foram conservados em água de cal ou outro líquido, a experiência não dá resultado).

Visito contra a luz, o ovo que não é fresco deixa ver um sombreado bastante visível; se é fresco, a luz parece atravessá-lo uniformemente.

Ovos que cheirem são muito perigosos. Bastantes casos de doenças graves se têm dado com os ovos em mau estado.

Deve-se sempre:

1 — Habituá-lo à obediência desde os primeiros anos.

2 — Exigir obediência imediata e completa.

3 — Mandar com calma, com clareza e sem cólera.

4 — Inspirar confiança, enquanto não abusam dela.

5 — Fazer crer que se espera abso-lutamente ser obedecido.

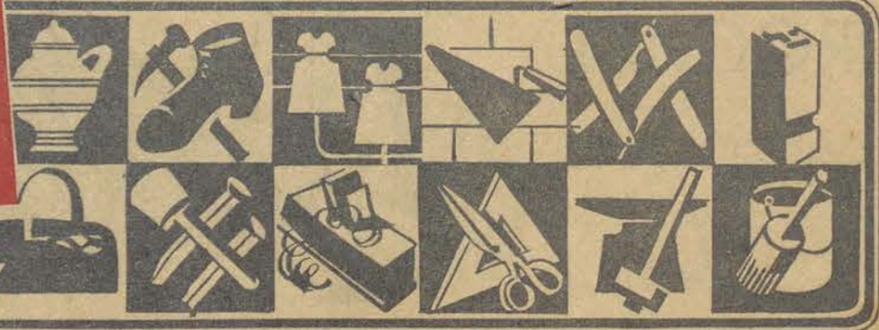
6 — Mandar mais do que proibir.

7 — Dar exemplo de obediência.

8 — Punir sempre a desobediência.

9 — Instruir as crianças nos seus deveres.

10 — Fazer crer que a autoridade com que se manda vem de Deus.



O PESSOAL DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

Não há, com certeza, nenhum leitor que não tenha entrado num «café», quer seja na cidade, quer na vila mais próxima donde reside.

O «café» é um centro de «cavaco», às vezes da má-língua. É um local onde se conversa, se galhofa, se lê, se estuda, se fuma, se fazem negócios, projectos, intrigas, onde já se tramarão revoluções e... onde se toma também café. Um pretexto para gastar dez tostões.

Há quem passe a vida nos «café», a olhar para quem entra e sai, à espera dum amigo que nunca mais chega, ou até mesmo que nunca vem.

A certas horas, nalguns «café», as coxias são um corropio de gente que se acotovela à procura dum lugar vago que se sabe de antemão não existir. O ambiente é de ruído e de fumo; muito ruído e muito fumo. Um «brouhahá» ininteligível, quebrado aqui e além por um alto falante que anuncia: «Chamam ao telefone o senhor Fulano»; uma fumarada que mais parece um denso nevoeiro à beira-rio. É irrespirável o ar, o café que se toma só por excepção é café, o açúcar é por conta-gotas, mas em compensação há torrentes de conversas e de baboseiras ditas em voz alta para todos ouvirem.

Na vida da sociedade portuguesa, os «café» são um sintoma da degradação da nossa vida familiar.

Na cidade, os «café» são o que na aldeia são as tabernas: uma fuga do lar, onde muitas vezes falta o conforto indispensável à vida de família. Bem entendido que no «café» o conforto deixa muito a desejar; como, porém, é a «sala de visitas» colectiva dum bairro ou duma cidade onde, a troco de dez tostões cada qual pode «receber» os amigos melhor que em sua casa, com criados às ordens e sem ser preciso mostrar-lhes as mazelas da decoração e do mobiliário, é o «café» que se prefere. E de tal maneira se entranhou nas predilecções do indivíduo o «café», que deixar de o frequentar exigiria para muitos o mesmo sacrifício que deixar de fumar.

Integrados na indústria hoteleira, os «café» têm como irmãos gêmeos os hotéis, as pensões, os bares, as cervejarias, as leitarias, os restaurantes, as casas de pasto, as casas de chá, os bufetes, e estabelecimentos similares.

Todos esses estabelecimentos têm uma legião de empregados e criados a garantir o seu funcionamento. Filiados no Sindicato que abrange os distritos de Lisboa, Santarém, Setúbal, Évora e Beja, há cerca de 15 mil indivíduos cuja situação não é devida risonha em muitos dos seus aspectos.

A heterogeneidade do pessoal, dos vencimentos e dos horários

Antes de mais, vejamos a classificação do pessoal da indústria hoteleira: o que lida directamente com os clientes (criados de mesa ou balcão, das salas e dos quartos, porteiros e correctores) e o que não lida com os clientes (pessoal de cozinha e de copa).

O diploma que regula os salários do pessoal de copa e de cozinha, data de 1937.

Quanto aos criados, o processo de pagamento dos seus serviços é muito heterogéneo, e varia segundo as casas e os patrões.

No Porto, estabeleceu-se a taxa de serviço; em Lisboa, mantém-se a gratificação.

Esta disparidade no processo de pagamento origina conflitos quando os nortenhos que vêm a Lisboa, supondo incluída a taxa de serviço na conta que o criado lhes apresenta verbal-

mente, se recusam a dar-lhe gratificação.

«O patrão que lhes pague» — dizem eles. E o criado vê-se na contingência de não receber nada ou de receber a título de esmola aquilo a que tinha direito pelo serviço que prestou.

Aparte o vexame que representa a gorjeta, principalmente quando o cliente a discute ou regateia, os vencimentos dos criados de mesa são razoáveis.

Já o mesmo não sucede com os criados das leitarias. Os vencimentos deles são paços com as gorjetas dos clientes, equitativamente (?) distribuídas no fim do mês pelo patrão. Este, por acordo com a entidade sindical, completa os vencimentos se as gorjetas não perfazem a quantia necessária.

Há muitos que se «abotoam» com o que sobeja.

O aumento do café para 1\$00

Tem-se debatido por diversas vezes o problema da gorjeta, considerada vexatória para o criado.

A solução, — já adoptada, como dizemos, no Porto — seria a taxa de serviço. A dificuldade está na fixação do montante dessa taxa, sobre o qual as entidades patronal e sindical não conseguem chegar a acordo.

Pretende o Sindicato que se classifiquem primeiro por ordem de importância os «café» e demais estabelecimentos congêneres, e depois se fixe a taxa de serviço.

Atendo-nos ao preço do café, a chávena desta bebida custaria nos estabelecimentos de 1.ª categoria dez tostões — os mesmos dez tostões que toda a gente paga; nos de 2.ª categoria, oito tostões; nos de 3.ª, seis tostões.

O aumento do café de oito para dez tostões só é teórico, porque praticamente já existe. E se se consentiu no aumento exageradíssimo das outras bebidas, porque não consentir no aumento teórico do café?

Resolvía-se o problema da gratificação do serviço abolindo-se a gorjeta.

O regime das oito horas

Os hoteleiros são a única classe em que não vigora ainda o regime das oito horas de trabalho. Nos hotéis, pensões e casas de pasto é frequente e até normal trabalhar-se dez e doze horas.

Ponhamos o caso concreto dum porteiro da noite, num hotel.

Entra às 10 horas da noite e sai às 8 da manhã. Já aqui temos duas horas a mais, pelo menos, prescindindo de que o serviço é nocturno.

Como o pequeno almoço é servido às 9 horas da manhã, o porteiro fica preso mais uma hora à espera dessa refeição.

Outra complicação por causa da alimentação — as férias.

Como do vencimento faz parte integrante a alimentação computada em X escudos, o empregado que queira gozar as férias, se o patrão é caprichoso, não pode gozá-las porque perderá o direito à alimentação e à quantia correspondente.

«Se quiser, venha comer ao hotel e se não quiser não venha» — dizem os hoteleiros.

Sabemos que o caso é do conhecimento do I. N. T. P., a quem o Sindicato oficiou há três meses pedindo solução para o caso.

Aguardemos a decisão daquele Instituto, certos de que será equitativa.

A falta de fiscalização

Pelos dados que colhemos a fiscalização do Instituto Nacional do Trabalho não pode exercer-se como o Sindicato desejaria; os fiscais são poucos para o grande número de estabelecimentos da especialidade — cerca de quatro mil.

Há certa relutância — e compreende-se pelos inconvenientes que evita — em conceder licenças aos fiscais privativos do Sindicato.

Mais intensa fiscalização evitaria abusos que a sua irregularidade e insuficiência origina.

Para não pagarem horas extraordinárias, os patrões recorrem à isenção do horário de trabalho. Nas casas de pasto é normal essa isenção. É o mais grave é que essa isenção abrançe os menores e as mulheres.

Em Sintra, ao que nos informam, todos os «café» e estabelecimentos similares estavam, em 1946, isentos de horário de trabalho.

De um «café» sabemos nós onde todo o pessoal estava isento de horário.

Uma reclamação sindical levou à suspensão dessa regalia, a qual, posteriormente, devido a influencias que se moveram, foi novamente concedida.

Horas extraordinárias

© Todos os direitos

Nas casas de pasto, é normal entrar a mulher da cozinha às 7 horas da manhã para acender o fogão e permanecer ali, ininterruptamente, até depois da meia-noite, sempre a trabalhar, com excepção de escassos e sobressaltados minutos que lhe concedem para comer de fugida.

Já se tem dado o caso de essas sacrificadas mulheres terem apresentado queixa ao tribunal reclamando o pagamento de 300 ou 400 horas extraordinárias.

Sucedem que os juizes — talvez por não serem convenientemente esclarecidos sobre a possibilidade de se acumularem tantas horas extraordinárias, dadas as condições de trabalho nesta indústria — não dão sentença favorável. Contribui, também, para isso, o facto de as testemunhas, — por força das circunstâncias — nem sempre confirmarem as declarações dos reclamantes. Como pode um empregado provar que fez horas extraordinárias? Pelos patrões? Nem pensar nisso. Pelos colegas? É tão contingente e por vezes contraditório o seu testemunho...

Muito razoavelmente os juizes não dão sentença favorável aos reclamantes, por falta de provas convincentes.

A conciliação é o melhor sistema

É vulgar dizer-se: Mais vale uma ruim composição que uma boa demanda.

A entidade sindical montou o serviço contencioso de forma a evitar sobrearregar os tribunais com mais demandas.

E assim, em 1947, o total de indemnizações pagas pelos patrões em conciliações eleva-se a quatrocentos contos.

São advogados os srs. drs. Canceia de Abreu e Mesquita do Carmo.

«Partidos» ou «desaparecidos»

Uma das questões que aflige os empregados é a dos «partidos» ou «desaparecidos».

Entendem eles, por isso, a loiça que se parte e os utensílios que desaparecem.



O caso vulgar dos açucareiros nos «café», para não ir mais longe. Os clientes «varrem» às vezes com esses minúsculos açucareiros de metal ou com as colherzinhas. Quem os paga são os criados.

A lei é expressa nesse particular: os patrões só podem responsabilizá-los quando haja negligência ou má-fé.

Uma bandeja cheia de loiça é atirada sem querer ao chão por um cliente, no momento em que ia a levantar-se. A culpa, muito naturalmente, foi do cliente. Este deixa cem escudos para pagar os estragos. O fiscal opõe-se e o cliente retira-se. Qual não é o espanto do criado quando ao fim do mês lhe debitam oitenta escudos.

Nega-se a pagar. É suspenso durante oito dias, no fim dos quais pretende retomar o serviço. O patrão exige o pagamento da loiça partida, e o criado, por necessidade de trabalhar para ganhar a vida, não tem outro remédio senão pagar.

Como este caso, muitos outros, com a agravante, porém, de este se ter passado com um patrão com responsabilidades na indústria hoteleira.

Sabemos de outra instituição com responsabilidades sociais, onde os prejuízos com a loiça são repartidos por todos os criados.

Mas há pior. Em muitos «café», todos os dias, ao fim do dia, faltavam açucareiros desses de metal, os quais eram debitados aos criados a 6 escudos cada um.

Os criados podiam adquiri-los ao preço de 4\$50. Mas o mais estranho é que pagando os criados os açucareiros desaparecidos, nunca apareciam açucareiros novos em sua substituição mas sim usados, a avaliar pelos riscos que apresentavam.

Um dirigente sindical pôde lançar em cara a uma entidade patronal esta anomalia, sem que tenha sido desmentido.

As instalações do «pessoal» e a alimentação

Em muitos hotéis e pensões já construídos depois da guerra, as instalações que na planta figuravam como destinadas ao pessoal, foram (e ainda são) posteriormente utilizadas para outros fins.

Alimentação

Nos hotéis, pensões e casas de pasto a alimentação é, de maneira geral, má. É constituída pelos sobejos ou pelo mais «baratucho» e é muitas vezes insuficiente. As acomodações, os vestiários especialmente, são acanhadíssimos, metidos nos desvãos sem luz e sem ventilação.

Os lavabos do pessoal chegam a ser vergonhosos.

No Sindicato onde colhemos muitos dos dados que reproduzimos pediram que sugerissemos, uma rusga da polícia, como se fez no Brasil, a certos outros que têm na fachada o pomposo título de hotéis.

Os nossos industriais de hotelaria — salvo as raríssimas mas caríssimas excepções — desde que tenham uma sala ampla bem decorada, meia dúzia de quartos mobilados e um letreiro

ou um «groom» à porta já ficam satisfeitos.

Se os clientes entrassem em certas cozinhas ficariam horrorizados com a sordidez de alguns recantos, pegariam nas malas e desandariam.

Note-se que não generalizamos, mas também não inventamos.

Os estrangeiros queixam-se e com razão de que os quartos dos nossos hotéis são incómodos porque se adaptou o critério de colectivizar em vez de individualizar as comodidades.

Cursos livres de valorização profissional

O pessoal da indústria hoteleira — porque os cursos de línguas são, em geral, nocturnos, e eles só têm a tarde livre — pode frequentar aulas privadas de francês e inglês e instrução primária.

As mulheres têm uma aula nocturna de cozinha. Quando as instalações da casa o permitirem serão criados cursos técnicos para valorização profissional.

Presentemente dispõe a classe duma sala de exames, convenientemente apetrechada para classificação do pessoal.

Todos os meses fazem exame para mudança de categoria, cerca de duzentos e cinquenta indivíduos.

O júri é constituído por delegados do S. N. I., do I. N. T. P. e das entidades patronal e sindical.

As aspirações da classe

As reivindicações da classe podem resumir-se às seguintes:

1) — Obrigatoriedade da taxa de serviço nos café como já sucede no Porto.

2) — Despacho de salários mínimos actualizados para toda a classe.

3) — Estabelecimento de quadros hierárquicos em todos os hotéis, pensões, café e similares. (Só nos hotéis existem esses quadros; embora incompletos são um progresso em matéria social).

Isso conduzirá à classificação rigorosa de todos os estabelecimentos segundo a sua importância.

4) — Maior fiscalização para impedir os abusos que se verificam.

5) — Fixação das oito horas de trabalho, sem possibilidade para as empresas de iludirem essa disposição legal pelo recurso à isenção do horário de trabalho. Como corolário desta reivindicação, pagamento de todas as horas extraordinárias.

6) — Fiscalização severa das acomodações do pessoal, que, na maioria, vive em instalações sem higiene para não se falar já na comodidade.

7) — Concessão de facilidades aos correctores para poderem entrar a bordo. Actualmente regem-se por um edital do Governo Civil que data de 1913.

8) — Criação duma escola técnica para aprendizagem e valorização da classe.

Em resumo: humanização do trabalho do pessoal da indústria hoteleira e similares.

Nota — Temos em nosso poder uma carta do Porto em que se registam graves anomalias verificadas nos hotéis daquela cidade. Oportunamente nos referiremos a ela.